



## C'és la vie au Brésil

Renata Eloá Miranda Brandão Alves<sup>1</sup>  
Humberto Santana Junior<sup>2</sup>

*"Vou-me embora para Pasárgada  
Vou-me embora para Pasárgada  
Aqui não sou feliz (...)"*

A conhecida estrofe de Manuel Bandeira, poeta pernambucano, faz enredo à vinda de imigrantes do Haiti para o Brasil. O país se tornou a Pasárgada haitiana há quase cinco anos, mais precisamente no dia 12 de janeiro de 2010, quando um terremoto de proporções catastróficas provocou grande destruição nesta pequena ilha do Caribe e transformou o destino de milhares de famílias.

<sup>1</sup> Graduada em Turismo pela Universidade do Sul de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Mestrando em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional pela Universidade de Brasília. Especialista em Relações Internacionais também pela Universidade de Brasília. Bolsista Capes.

O ensaio fotográfico a seguir pretende demonstrar o cotidiano dos imigrantes na cidade de Manaus passada as dificuldades de deslocamento para chegar ao Brasil e a luta para se estabelecerem no país. Para isso, foi realizada uma conversa informal com Nesly Exantus, de 44 anos, pai de sete filhos, imigrante há três anos e residente no Estado do Amazonas até o presente momento.

Atualmente o Haiti é um país altamente dependente de recursos estrangeiros. Embora tenha sido a primeira república negra a se tornar independente no mundo, na contemporaneidade é um Estado fragilizado, com estruturas débeis, altos níveis de corrupção em seus governos (SILVA, 2014) e considerado pelas Nações Unidas como a nação com o mais baixo Índice de Desenvolvimento Humano da América (PNUD, 2014).

Com a chegada do terremoto, a situação no país - marcada pela desigualdade social, instabilidade política e pela violência - só piorou. Estima-se que 80% das construções de Porto Príncipe foram danificadas, incluindo escolas, hospitais, postos policiais e o próprio palácio presidencial. (MORAES, 2013)

No contexto caótico e miserável que se instaurou passado o agravante abalo sísmico, milhares de cidadãos se viram obrigados a partir em busca de uma nova terra. Segundo dados do Ministério da Justiça, estima-se que cerca de quatro mil imigrantes haitianos adentraram o território brasileiro somente entre o período do final de 2011 e começo de 2012. (MORAES, 2013)

Apesar do cenário instável do país, Nesly revela que trabalhava com agricultura em sua própria terra e que por meio do cultivo era possível sustentar sua família.

Na urgência por melhores condições de vida, o Brasil se tornou um dos destinos escolhidos pelos haitianos. Há ainda, a possibilidade de ida para a Guiana Francesa por conta da proximidade com o idioma falado e pela questão da moeda bem valorizada - o euro, mas a dificuldade na procura de uma nova colocação profissional faz com que os haitianos optem pelo Brasil. A recente chegada desses imigrantes ao país mostra as dificuldades que eles enfrentam quando utilizam as vias "não convencionais" como forma de deslocamento, uma verdadeira epopeia. (COSTA, 2014)

Nesly vendeu seu terreno na cidade de Gonaïve e com o pouco dinheiro que tinha, deixou parte da quantia com a esposa e utilizou o restante para a compra de passagens na esperança de encontrar um futuro próspero. Na qualidade de imigrante ilegal, não poderia sair diretamente do Haiti para o Brasil e para tanto, teve que enfrentar um longo trajeto que durou aproximadamente três meses. Atravessou a República Dominicana, Equador e Peru, quase sendo mandado de volta diversas vezes. Numa dessas vezes, compartilhou com agentes de imigração a sua história de vida, as dificuldades posteriores ao terremoto e o objetivo em não deixar sua família passar fome para que finalmente, conseguisse alcançar a cidade de Tabatinga, na tríplice fronteira Norte do Brasil, localizada no Estado do Amazonas.

Nesse percurso, contou com a ajuda de um *“raketé”* – em Criolo Haitiano, uma espécie do que chamamos no Brasil de *“coiote”*, - quem auxilia na travessia de países de modo ilegal, como no caso do México para os Estados Unidos.

Ao chegar a Tabatinga – já abastada de outros conterrâneos - foi orientado por eles mesmos a procurar um padre de uma pastoral que presta assistência aos imigrantes. Já na pastoral, foi instruído a preencher uma nota e esta foi encaminhada à Polícia Federal, para que então conseguisse a documentação legal de permanência, seus *“papéis”*. A emissão da documentação tardou cerca de três meses e durante este período, Nesly teve que lidar com a barreira linguística ensaiando seus primeiros passos no Português e conseguir um meio de subsistência.

Pouco a pouco, conheceu pessoas da região – não só brasileiros, bem como da própria tríplice fronteira oriundos do Peru e Colômbia - e conseguiu alguns empregos informais, como vendedor de churros e picolé, por exemplo.

*“Conheci um colombiano em Tabatinga que fazia churros e ele me ofereceu para vender. Eu chorei, chorei, chorei. Não tinha o que comer, não tinha dinheiro para mandar para minha família.”* (Nesly, durante conversa informal)

Após conseguir a documentação, Nesly se mudou para Manaus. Mais uma vez, foi em busca de um padre da pastoral local que também presta assistência aos haitianos recém-chegados. Assim que chegou, obteve sua carteira de trabalho e conseguiu emprego em uma construtora. Nesta empresa, trabalhou por um mês e vinte dias. Talvez por imaginarem que imigrantes seriam menos exigentes em consequência de sua situação de vulnerabilidade (SILVA, 2013), imigrantes haitianos

são expostos a abusos por parte de empregadores. O dito empregador da construtora onde Nesly trabalhava, não pagou aos seus funcionários o correspondente àquele mês. O chefe de família, desesperado na sua condição de provedor de seus entes ainda no Haiti, se viu obrigado a recorrer ao Ministério do Trabalho para conseguir receber seu salário e enviar dinheiro para sua família.

Sem emprego formal, começou a vender picolé nas ruas até conseguir dinheiro suficiente para trazer sua família para o Brasil. A chegada da esposa com alguns dos filhos só veio a ocorrer quase um ano após a sua saída do Haiti. Ainda, um filho de três anos ficou por lá e Nesly acredita que conseguirá buscá-lo ainda esse ano.

Assim como Nesly, é possível encontrar um grande número de haitianos na cidade de Manaus. Na ausência de representação consular na cidade, surgiu o projeto Pró-Haiti em 2012 em parceria com o consulado do Haiti em Brasília. O projeto é integrado ao Centro de Direitos Humanos da Arquidiocese de Manaus e funciona na Paróquia São Geraldo. O Pró-Haiti dá assistência jurídica e orientações sobre programas de saúde, educação, emprego e justiça, podendo também, em alguns casos, dar auxílio psicológico e aulas de português. (SUZIKI, 2013).

Principalmente nos casos de abuso como o apresentado, as pastorais que prestam assistência aos imigrantes são de fundamental importância. Lá, voluntários de diversas áreas fornecem orientação e atendimento gratuito para esclarecer sobre as leis brasileiras. Por outro lado, a capital do Amazonas, geralmente não é a meta dos imigrantes haitianos que vêm ao Brasil. Mas a falta de estrutura nas cidades de porta de entrada, a pujança econômica da cidade e a proximidade com as principais rotas de imigração fazem com que a cidade seja o principal destino antes de buscarem melhores oportunidades nas regiões Sul e Sudeste. (SOUZA, 2014)

## **Referências Bibliográficas**

COSTA, Gelmino Pe. Haitianos em Manaus. Dois anos de imigração e agora. **Revista Travessia**, nº 70. São Paulo, 2012.

MORAES, Isaias Albertin de; ANDRADE, Carlos Alberto Alencar de; MATTOS, Beatriz Rodrigues Bessa. A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios. **Revista Conjuntura Austral**, Vol. 4, nº 20, 2013.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Sustentar o progresso humano:** reduzir as vulnerabilidades e reforçar a resiliência. Relatório de Desenvolvimento Humano, 2014.

SILVA, Paloma Karuza Maroni. **Seguindo rotas:** reflexões para uma etnografia da imigração haitiana no Brasil a partir do contexto de entrada pela tríplice fronteira norte. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, 2014.

SOUZA, Rosana. **À espera do Sul Maravilha, haitianos enfrentam preconceito e má-fé em Manaus.** Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/01/a-espera-do-sul-maravilha-haitianos-enfrentam-preconceito-e-ma-fe-em-manaus-1242.html>

SUZUKI, Merci. **Projeto Pró-Haiti atende 30 imigrantes por dia em Manaus.** Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,projeto-pro-haiti-atende-30-imigrantes-por-dia-em-manaus-imp-,980312>

Recebido em: 12/11/2014  
Aprovado em: 20/11/2014



